



AgEcon SEARCH
RESEARCH IN AGRICULTURAL & APPLIED ECONOMICS

The World's Largest Open Access Agricultural & Applied Economics Digital Library

This document is discoverable and free to researchers across the globe due to the work of AgEcon Search.

Help ensure our sustainability.

Give to AgEcon Search

AgEcon Search

<http://ageconsearch.umn.edu>

aesearch@umn.edu

*Papers downloaded from **AgEcon Search** may be used for non-commercial purposes and personal study only. No other use, including posting to another Internet site, is permitted without permission from the copyright owner (not AgEcon Search), or as allowed under the provisions of Fair Use, U.S. Copyright Act, Title 17 U.S.C.*



**O PROGRAMA DOCUMENTO NORDESTE E AS NOVAS FORMAS
DE ABORDAR A GERAÇÃO DE EMPREGO E RENDA NAS
REGIÕES DO RIO SÃO FRANCISCO E NA SERRA DA CAPIVARA
NO PIAUÍ**

ANA ELIZABETE DA S. PEREIRA; PAULO AGUIAR DO MONTE;

FACULDADE MARISTA

RECIFE - PE - BRASIL

pauloaguiardomonte@gmail.com

APRESENTAÇÃO SEM PRESENÇA DE DEBATEDOR

MERCADO DE TRABALHO AGRÍCOLA

**O PROGRAMA DOCUMENTO NORDESTE E AS NOVAS FORMAS
DE ABORDAR A GERAÇÃO DE EMPREGO E RENDA NAS
REGIÕES DO RIO SÃO FRANCISCO E NA SERRA DA CAPIVARA
NO PIAUÍ**

Grupo de Pesquisa: Mercado de Trabalho Agrícola

1. Introdução

Neste artigo analisamos o formato que o programa Documento Nordeste dá aos conteúdos rurais e a abordagem sobre o trabalho rural de hoje, que segundo pesquisas deixa de ser, exclusivamente de agricultura e pecuária, passando a refletir os efeitos do desenvolvimento tecnológico e da globalização.

Desta forma, analisamos o conteúdo de dois programas da série: o primeiro, *Francisco um rio ameaçado* – sobre o rio São Francisco; o segundo, *Os segredos da terra* – sobre a Serra da Capivara, no Piauí.

O artigo está dividido em quatro partes, afora esta introdução. Na seção 2 abordaremos como um programa de televisão pode interferir na construção do imaginário

coletivo de uma população. Em seguida, na seção 3 falamos sobre o Novo Rural Brasileiro e os conteúdos que resultaram da pesquisa Rurbano. A seção 4 refere-se às informações sobre a degradação do Rio São Francisco, os empregos gerados pela irrigação e, também, a possível destruição do rio. Na seção 5 veremos a transformação da Serra da Capivara em um ambiente turístico onde um novo modelo de trabalho passa a ser implantado. Por fim, na última, são feitas as considerações finais.

2. A televisão contribui para a construção de conceitos a cerca do rural e do homem do campo

O programa Documento Nordeste foi criado em 1995, a partir de uma iniciativa da TV Universitária de Pernambuco, que organizou uma faixa de exibição de documentários com o objetivo de retratar as culturas populares nordestinas e suas peculiaridades. Na época, o Programa era veiculado semanalmente no domingo, a partir das 15h,¹. O programa Documento Nordeste foi criado para atingir um público formador de opinião, visto que era exibido através da Rede Pública de TVs Educativas do Brasil,² comprometida com o objetivo de informar e educar a sociedade brasileira, visando colaborar para a formação de seus telespectadores.³

Diferente dos programas jornalísticos que abordam temas rurais, como é o caso do Globo Rural, voltado para as atividades agropecuárias, numa perspectiva de difusão de tecnologias com formato jornalístico⁴, o programa Documento Nordeste procura fazer uma abordagem documental sobre os temas abordados. O documentário é um gênero diferente do jornalístico, pois ele se propõe a aprofundar melhor a informação e avaliá-la de diferentes formas. Para Wilma Moraes, Cristina Teixeira e Isaltina Gomes:

“(…) ao contrário da produção de notícias e reportagens, o documentário necessita de um envolvimento exclusivo dos profissionais que trabalham em sua execução e um maior tempo de elaboração. Isso implica num aumento de custos para as TVs, que nem sempre se mostram dispostas a pagar pelo preço desse trabalho (...) *Postulamos que o gênero documentário é quase uma exclusividade das TVs por assinatura e das TVs educativas abertas*”.⁵

¹ Atualmente o programa vem enfrentado problemas de produção e por isso está sendo reprisado e corre o risco de sair da grade de programação da emissora.

² A Rede pública de TV educativa faz parte da Associação das Emissoras Públicas e Educativas e Culturais a (ABEPEC), que reúne todas as TVs públicas e educativas do país, seguindo os objetivos de colaborar com a informação e a educação da sociedade brasileira, como ficou definido num fórum que reuniu a direção de todas as TVs em forma de conselho e criou um regimento para a Rede de Tvs educativas do país em 1998. Rede Pública de TV Educativa. Recife, 1998. 11p.

³ Id.

⁴ Vide NASCIMENTO, Marta Rocha do. *O Globo Rural e cotidiano em Sapucaia: estudo de recepção do Programa Globo Rural pelos pequenos produtores rurais de Sapucaia*. 1999. 277f. Dissertação (Mestrado em Administração Rural e Comunicação Rural) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 1999. Identifica o Programa como sendo um canal de difusão de inovações, onde se dá ênfase às questões agropecuárias, meteorológicas e econômicas.

⁵ MELO, Cristina T. V.; GOMES, Isaltina Maria de A. M.; MORAES, Wilma P. de. *O documentário como gênero Jornalístico televisivo*. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/indexbp.html>>. Acesso em: 2 jan. 2002. [grifo dos autores]

O Programa Documento Nordeste é construído a partir dos temas definidos pela direção, além dos conteúdos existentes em cada região onde ele é gravado. O texto do projeto do programa descreve seu principal objetivo:

“O principal objetivo do projeto é divulgar as riquezas das manifestações socioculturais e relativas ao meio ambiente do Nordeste brasileiro, por intermédio de uma série de programas documentais para a televisão”.⁶

Ao ser exibido após as modificações, o conteúdo de um programa de TV interfere na construção de sentido que a sociedade faz sobre as informações que recebe. Sobre essa interferência dos meios de comunicação e sua possibilidade de modelar sentidos Baczkó diz:

“O mass media não se limitam a aumentar o fluxo de informação, modelam também as suas características. A informação é recebida de forma continuada, (...) conjugando dados estatísticos com as imagens e afetando todos os domínios da vida social, etc.”⁷

A TV utiliza dois canais de discurso, o áudio e as imagens, aumentando, assim, a quantidade de informações que esse meio de comunicação aborda. A questão é que o veículo televisivo possui recursos que podem manipular a informação, dando-lhe um contexto diferente daquele que foi encontrado. Esses recursos, aliados a concepções desatualizadas sobre o tema abordado, podem modificar o real que existe no lugar, escondendo algumas transformações identificadas atualmente pela pesquisa acadêmica. Nesse aspecto, Bourdieu diz:

“A televisão pode, paradoxalmente, ocultar mostrando, mostrando uma coisa diferente do que seria preciso mostrar caso se fizesse o que supostamente se faz, isto é, informar; ou ainda mostrando o que é preciso mostrar, mas de tal maneira que não é mostrado ou se torna insignificante, ou construindo-o de tal maneira que adquire um sentido que não corresponde absolutamente à realidade”.⁸

3. O novo rural brasileiro

Nesta pesquisa, nos concentramos nas questões relacionadas aos conteúdos que o Programa aborda sobre as populações de contextos populares rurais. A partir dessas informações, o Programa pode estar colaborando para que os telespectadores tomem conhecimento das transformações que acontecem atualmente, no cenário rural nordestino,

⁶ Texto inserido no projeto do Programa Documento Nordeste. O texto completo encontra-se arquivado em anexo no fim desta dissertação.

⁷ BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Lisboa : Imprensa Nacional, 1985. v.5 p. 313

⁸ BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão: seguido de a influencia do jornalismo e os jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 24

como indica a pesquisa Rurbano coordenada pelo professor José Graziano da Silva como veremos mais adiante, ou colaborando para que idéias estereotipadas permaneçam construindo o imaginário da audiência. Essa concepção não leva em conta algumas mudanças por que passa o espaço rural brasileiro, onde vêm surgindo diferentes formas de atividades econômicas resultantes dos processos de modernização e de globalização, que resultam na diminuição de distâncias, na valorização do campo, na possibilidade de geração de economia que não esteja exclusivamente ligada à agricultura e pecuária.⁹

Essas questões ampliam a noção de espaço rural, estimulam as sociedades urbanas, cansadas da violência e estresse da cidade, a buscar outras opções de vida no interior, gerando diferentes formas de produção de capital em que o homem rural pode se integrar. Essas mudanças podem ser identificadas através das pesquisas quando apontam que 25% da população rural do Nordeste está trabalhando em atividades não agrícolas.¹⁰ Entre as opções que surgem, são destacados o desenvolvimento das atividades de turismo, de lazer, a valorização da cultura popular, como a produção artística, e o aparecimento da prestação de serviços entre outras atividades,¹¹ hoje conhecidas como “novas ruralidades”.

As transformações a que nos referimos acima são observadas em algumas regiões não metropolitanas no Rio Grande do Sul e São Paulo, onde vêm crescendo o número de pessoas que se ocupam de atividades não-agrícolas.¹² No Nordeste, as mudanças também estão ocorrendo, em menor velocidade, mas já encontramos o desenvolvimento de diversas atividades que fogem às atividades tradicionais agrícolas e de monocultura.¹³ Essas transformações estão gerando outras, como o surgimento de empregos para as populações do campo, e a possibilidade de mobilidade social, visto que surgem outras oportunidades de crescimento profissional.

O que se questiona é que, quando as informações sobre essas mudanças são desconsideradas, está se confirmando a idéia tradicionalmente utilizada quando se refere ao homem do campo. Nesse sentido, Marinita Vasconcelos, em estudo realizado a partir do guia eleitoral de TV do Partido dos Trabalhadores, de 1998, verificou que, apesar de a equipe que concebia o programa conhecer a discussão sobre as “novas ruralidades” e todas as mudanças ocorridas a partir da transformação do ambiente rural brasileiro, esse tema não foi abordado pelo guia, que preferiu falar de temas tradicionais, quando ia se referir ao homem rural nordestino.¹⁴

No caso das informações televisivas, é nas imagens que a informação possui maior quantidade de elementos, devido ao número de opções que ela pode utilizar. O equipamento de captação de imagens da TV, diferente do de outros meios de informação, possui instrumentos que, ao serem utilizados, dão ênfase a algumas informações e

9 GRAZIANO DA SILVA, José. Entrevista. *Revista Ops*, Salvador, v. 2, n. 7, 1997.

10 CAMPANHOLA, Clayton; GRAZIANO DA SILVA, José. Diretrizes de políticas públicas para o novo rural brasileiro: incorporando a noção de desenvolvimento local. In _____. *O novo rural brasileiro: políticas públicas*. Jaguariúna: EMBRAPA, 2000. p. 64 v. 4

11 Ibid.

Ver também: GRAZIANO DA SILVA, José. O novo mundo rural. *Nova Economia*, Belo Horizonte, v.7, n1, maio. 1997, p. 43-81. E ainda: CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. Artigo científico disponível em: <www.unicamp.gov.br/projetorurbano> Acesso em 5 de maio. 1999.

12 CAMPANHOLA, op. cit., p. 5

13 Ibid.

14 NEVES, Marinita Vasconcelos. *A terra e a tela: a Comunicação Rural e a questão da terra na produção dos programas de televisão do Partido dos Trabalhadores veiculados nas eleições presidenciais de 1998*. 97f. Dissertação (Mestrado em Administração Rural e Comunicação Rural) – Departamento de Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2000.

descartam outras; a câmera cria um colorido que dá sentido às imagens, uma “sintonia” que é utilizada na fixação da mensagem. Diz Bourdieu:

“O quadro da câmera é uma espécie de tesoura que recorta aquilo que deve ser valorizado, que separa o que é importante para os interesses da enunciação do que é acessório, que estabelece logo de início uma primeira organização das coisas visíveis.”¹⁵

Nessa escolha, está se atrelando um sentido, construindo uma informação que está representando uma idéia. A escolha do lugar a ser gravado, assim como as tomadas a serem feitas, faz parte da construção de sentido que o programa confere aos diversos temas que ele aborda.

Assim, não é apenas o fato de privilegiar uma imagem de outra; essa exclusão não significa apenas uma opção, mas uma omissão de informações. Ou seja, o recorte dado ao se escolher filmar o presidente da colônia dos pescadores ou o empresário de turismo, como aconteceu no programa intitulado *Francisco, um rio ameaçado*, está pautando a abordagem do programa, o significado do objeto, o sentido que o homem nordestino terá para os telespectadores. É como se fosse formado um real sobre o objeto, um real que acompanha esse homem nos diferentes contextos em que ele apareça. Para Bourdieu:

“Os perigos políticos inerentes ao uso ordinário da televisão devem-se ao fato de que a imagem tem a particularidade de poder produzir o que os críticos literários chamam de *efeito real*, ela pode fazer ver e fazer crer no que ela faz ver. Esse poder de evocação tem efeitos de mobilização. Ela pode fazer existir idéias ou representações, mas também grupos.”¹⁶

Esse efeito real, a que Bourdieu se refere, vai participar da construção do imaginário da audiência em relação à população, que é retratada no Programa, ou seja, ao se escolherem as imagens, vai se estar também escolhendo quais as informações sobre as pessoas irão ser mostradas, produzindo, conseqüentemente, na audiência, representações sobre essa população rural. Sobre o imaginário social e sua importância na construção social, concordamos com o conceito de Baczkó, quando diz:

“Os imaginários sociais constituem outros tantos pontos de referência no vasto sistema simbólico que qualquer atividade produz e através do qual, como disse Maus, ela se percebe, divide e elabora seus objetivos (...) É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa sua identidade, elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns, constrói uma espécie de código de 'bom comportamento', designadamente através da instalação de modelos

¹⁵ BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão: seguido de a influência do jornalismo e os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. 143 p.

¹⁶ Idem.

formadores tais como o do ‘chefe’, o do ‘bom súdito’, o ‘guerreiro corajoso’, etc.”¹⁷n

As representações a que Baczko se refere nos interessam, pois, criadas no imaginário, poderão interferir nas atitudes das pessoas dentro da sociedade quando se referirem ao homem nordestino. Assim, como ela pode criar um mito, ‘o chefe’, ‘guerreiro’ como diz o autor, pressupõe-se que poderá contribuir, também, para a formação de uma identidade para o homem rural nordestino, a partir das informações veiculadas através do discurso do Programa.

Quando os meios de comunicação constroem a imagem do homem popular, baseados em concepções tradicionais como a de que ele é a expressão da “verdadeira cultura”, cria-se a idéia de que a cultura dessas pessoas deve ser preservada, que não pode conhecer a mudança. O pensamento que inclui a produção popular no sentido folclórico não reconhece que ela é a cada dia mais, já no momento de produção, inserida no processo de consumo, na sociedade capitalista. As produções das culturas populares não são representações de uma sociedade pura, alheia aos acontecimentos da sociedade capitalista. Pelo contrário, as produções culturais, hoje, estão acompanhando todo esse processo de transformação econômica e política que o mundo está vivendo. Canclini define os fenômenos culturais contemporâneos bem diferentemente da concepção folclórica:

“Os fenômenos culturais poucas vezes têm as características que o folclore define e valoriza. Nem são produzidos manual ou artesanalmente, nem são estritamente tradicionais transmitidos de uma geração a outra, nem circulam de forma oral de pessoa para pessoa, nem são anônimos, nem são aprendidos e transmitidos fora das instituições ou programas educativos e comunicacionais massivos”¹⁸

Da mesma forma que se tem essa idéia “purista” da produção cultural popular, também, é comum existirem, entre os veículos de comunicação, informações que constroem a imagem do homem rural de forma tradicional, aquele que depende exclusivamente da terra e da chuva para sobreviver, em que o rural é cercado de cidades, desprovidas de economia e caracterizadas pelo passado.

Essa concepção não leva em conta algumas mudanças por que passa o espaço rural brasileiro, onde vêm surgindo diferentes formas de atividades econômicas resultantes dos processos de modernização e de globalização, que resultam na diminuição de distâncias, na valorização do campo, na possibilidade de geração de economia que não esteja exclusivamente ligada à agricultura e pecuária.¹⁹

É nesse sentido que procuramos compreender, se o programa Documento Nordeste, ao escolher seus temas, locações e fala, está sinalizando essas transformações que atingem o homem rural, ou se a abordagem permanece apresentando a imagem tradicional do homem do campo, que dependia, no passado, exclusivamente da produção agropecuária para sobreviver.

No presente artigo, a análise contempla os títulos produzidos: *Francisco, um rio ameaçado* e *Os segredos da Serra*. Aqui daremos ênfase às questões sobre as novas formas

¹⁷BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985. v. 5, p. 296-332.

¹⁸CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 3. ed. São Paulo: EUSP, 2000. p. 213.

¹⁹GRAZIANO DA SILVA, José. Entrevista. *Revista Ops*, Salvador, v. 2, n. 7, 1997.

de geração de emprego e renda que vêm surgindo no espaço rural. Compreendemos que esses são alguns aspectos fundamentais na construção do desenvolvimento local e, ao abordar esse tema, o Programa Documento Nordeste poderá estar colaborando para que os telespectadores conheçam as mudanças que vêm ocorrendo no Nordeste, ao longo dos últimos anos.

4. Degradação do meio ambiente e novas formas de trabalho no rio São Francisco

No título *Francisco, um rio ameaçado*, o programa retrata uma expedição realizada por pesquisadores da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que pretendia identificar as principais mudanças de caráter ambiental e social ocorridas ao longo do rio São Francisco, com a introdução da tecnologia e as conseqüências para a sociedade que depende dele.

O Programa faz um panorama do rio São Francisco a partir de sua localização no semi-árido nordestino, passando pela construção das usinas hidrelétricas, a região irrigada e as ilhas que exploram o turismo. Na época a discussão sobre a transposição ainda não estava em pauta, talvez por isso o tema não é abordado pelo programa. A abordagem escolhida pela direção critica questões que vão desde a utilização das águas na geração de energia elétrica até à irrigação irregular, que está acontecendo na região.

A abertura do programa traz imagens que caracterizam a região do semi-árido, vegetação aparentemente sem vida, solo arenoso; além de rostos mostrando um povo sofrido, casas de barro, crianças com o olhar triste. Logo depois, contrastando, a imagem aberta do rio traz uma sensação de esperança para a região. O texto em off²⁰ diz:

“Mas nem tudo está perdido. Na infindável área de 720.000km² que compõe o trecho do semi-árido surge majestoso o Rio São Francisco. O clima de deserto dá a entender que estamos diante de uma miragem, mas as águas caudalosas que cortam uma das regiões mais inóspitas do planeta não são apenas um sonho, uma visão”

Após apresentar o desenvolvimento da tecnologia que modificou o caminho natural do Rio para a construção de usinas hidrelétricas, o Programa questiona as conseqüências dessa modificação, que diminuiu a quantidade de água do rio, que passou a ser utilizada pelas usinas para a geração de energia e resultou na destruição do ambiente de reprodução dos peixes. Através do Documento Nordeste, podemos inferir que a tecnologia não veio preocupada em proporcionar uma melhoria de vida para a população local, visto que ela foi prejudicada do ponto de vista econômico e ambiental, como mostra o depoimento do Sr. Antônio Gomes dos Santos:

“Esse rio era um rio que todo ano tinha cheia (...) Hoje não tem surubim, hoje eu sou presidente da colônia dos pescadores dessa cidade aqui, ninguém vê mais um pescador chegar com um surubim, e até o peixe, o

²⁰ O “texto em Off” é um termo técnico que se usa para indicar o texto que cobre a matéria sem que apareça nas imagens o locutor.

peixe nativo que não pode acabar tá desaparecendo (...)”

Através da narração, podemos observar a preocupação do Programa em discutir a manutenção da vida no rio São Francisco e as possibilidades que ele tem de proporcionar à população da região condições de exploração econômica. A abordagem da problemática ambiental aponta como o Programa se preocupa com essa questão, que é reforçada com o depoimento do pesquisador Célio Muniz inserido no Programa:

“Nós estamos num período da humanidade em que a preocupação com os recursos hídricos, com um potencial de um rio como o rio São Francisco, ele é crucial. Essa preocupação, foi ela que nos motivou a vir realizar esta expedição, a estudar os impactos já desencadeados (...)”.

Em outro momento, novamente a questão ambiental aparece mostrando a preocupação dos pesquisadores com a degradação que vem acontecendo. Dessa forma, podemos inferir que o programa está colaborando para o conhecimento da região nordestina com seus contrastes, seus problemas devido à seca, mas também seu potencial de desenvolvimento. O depoimento do geólogo Fábio Pedrosa inserido no programa diz:

“Nós trouxemos um grupo de expedicionários para dentro desse rio exatamente para estudar os impactos ambientais, a modificação da paisagem, os grandes lagos, as grandes represas construídas no rio. Então nós temos educadores ambientais, arqueólogos, oceanógrafos que estão estudando toda a questão hidrográfica e também estamos diagnosticando o potencial de ecoturismo para a região.”

Nesse caso, a fala escolhida apresenta uma preocupação: que a tecnologia não chegue despreocupada com o meio ambiente, mas que ela exista, inclusive, para ajudar a manutenção dos recursos naturais da região.

O potencial do ecoturismo que aparece nesse discurso informa sobre a possibilidade de desenvolvimento, mas alerta para que a exploração respeite o meio ambiente e esteja preocupada com o futuro do rio. Ao informar aos telespectadores a importância da preservação, Fábio Pedrosa completa:

“ Nesse percurso também observamos interessantes iniciativas de turismo ecológico que pode ser certamente uma atividade econômica sustentável que pode aproveitar-se dos inúmeros recursos e paisagens espetaculares desse Rio, ao longo da bacia hidrográfica do rio São Francisco”.

O texto acima aponta para uma possibilidade de utilização das potencialidades locais com o objetivo de desenvolver a região. Essa fala vai ao encontro do pensamento de Araújo, segundo Salett, sobre desenvolvimento local, quando diz: “O processo de

construção de oportunidades e de melhores condições de vida para populações locais, mobilizando capacidades e energias endógenas.”²¹

Ao informar a população sobre outras possibilidades de geração de renda, dando o exemplo do turismo ecológico, o Programa ajuda a mudar uma imagem de que o homem nas zonas rurais do Nordeste viva exclusivamente da exploração da produção tradicional, como a agricultura e a pecuária. Por outro lado, o Documento Nordeste observa que a utilização de outras atividades deve estar preocupada com as conseqüências ambientais, respeitando os limites da natureza.

O texto abaixo reflete uma perspectiva crítica, ao comentar o percurso feito pelos pesquisadores pelas ilhas que são encontradas no decorrer da expedição e que são utilizadas para o turismo. As imagens apresentam as belezas, mas também as conseqüências da exploração turística nas ilhas e da falta de estrutura do local para o desenvolvimento dessa atividade econômica. O Programa denuncia a forma destruidora como vêm sendo desenvolvidas as iniciativas que já existem. O texto em off diz:

“Nossa primeira parada, a ilha Amélia, uma área de preservação do Ibama. Aqui a exploração do turismo desordenado é evidente, o acúmulo de lixo e de detritos, próximo as margens do Rio são indícios claros do estado de abandono desse ecossistema (...) Sem possuir uma infra-estrutura adequada os bares não tem saneamento básico e utilizam as águas ao rio sem qualquer tratamento apropriado, os detritos são jogados diretamente no rio, um flagrante de desrespeito ao meio ambiente”.

O turismo representa uma das novas ruralidades apontadas pela pesquisa científica como uma possibilidade de diversificação da renda e uma forma de incremento da economia no meio rural. Ao abordar esse tema, associado à preocupação ambiental, o Programa colabora para que esse assunto participe do imaginário da população e, conseqüentemente, possa entrar em pauta quando se discutam as possíveis possibilidades de desenvolvimento para essas regiões. Sobre a participação das atividades de turismo no encremento da economia, Froehlich e Rodrigues dizem que:

“Enquanto atividade, o turismo rural completa uma grande gama de relações com o setor agrícola, caracterizando-se por sua complementariedade em relação a este. Por outro lado, é capaz de manter constantes trocas com o meio urbano, contribuindo para que os agricultores se interessem tanto social como economicamente num contexto mais amplo”²²

Percorrendo outro trecho do rio, o Programa aponta, com imagens e textos, a região que foi submersa para formar os lagos das hidrelétricas. O texto informa que aquela área

²¹TAUK SANTOS, Maria Salett. Comunicação rural - velho objeto, nova abordagem: mediação, reconversão cultural, desenvolvimento local. In: LOPES, Maria Imacolata Vassalo de; FRAU-MEIGS, Divina; TAUK SANTOS, Maria Salett (Org.). Comunicação e informação: identidades e fronteiras. São Paulo: INTERCOM; Recife: Bagaço, 2000. p. 291-301.

p. 298

²²FROEHLICH; José Marcos; RODRIGUES, Ivone da Silva. O turismo rural e as transformações no espaço agrário. In: CALLOU, Angelo Brás Fernandes (Org.). Comunicação rural e o novo espaço agrário. São Paulo: INTERCOM, 1999. p. 19

era formada por diversos sítios arqueológicos, que, hoje, ficaram submersos enquanto as imagens são aéreas e mostram a amplitude do lago.

Segundo o Programa, alguns sítios foram “salvos” das águas por ações de preservação, como as realizadas pelo Centro de Arqueologia Xingó. Essa região poderia se tornar mais uma fonte para exploração do turismo, desta vez o turismo científico, visto que existe a possibilidade de os sítios registrarem a história sobre a rota de imigração dos povos nômades que viviam nesta região há milhares de anos.

Em outro momento, *Francisco, um rio ameaçado* questiona o processo de irrigação comumente utilizado ali. Na área onde o rio é utilizado para a irrigação, é retratado o problema referente ao uso inadequado da água pela população ribeirinha. Imagens de pequenas propriedades que se utilizam da irrigação são ilustradas por uma animação gráfica explicando que o uso inadequado da água pode salinizar o solo, deixando-o impróprio para a agricultura.

“A água bombeada para irrigar a terra, devido ao volume excessivo encharca o solo. Com a evaporação intensa, a fina camada de sal fica na superfície (...) iniciando o processo de erosão do solo.”²³

Sobre a pesca, o Programa ressalta a diminuição dessa atividade no rio São Francisco. Referindo-se a ela, o texto afirma ter sido a pesca a principal atividade econômica gerada no rio até a utilização das águas através das hidroelétricas. O Documento Nordeste apresenta a pesca decadente, pois o desvio do curso natural do rio para a construção das usinas hidroelétricas diminuiu a vazão da água, o que se agravou com a intensidade das últimas secas deixando sem peixe grande parte da população ribeirinha. Em depoimento ao Programa, o presidente da Colônia dos Pescadores aborda a questão da diminuição da quantidade de água que tem impedido a reprodução dos peixes e tem posto em risco a sobrevivência de milhares de pescadores. Diz ele:

“Esse rio era um rio que todo ano tinha cheia, quando eram cheias periódicas pequenas, mas também tinha grandes cheias que inundavam. (...) Hoje nós temos mais aliados. O ministério público, a Capitania dos Portos e os movimentos ecológicos também já estão engajados porque estão vendo que o rio São Francisco não pode continuar da maneira que está. Fizeram muita barragem e essas barragens diminuíram a produção de peixes.”

O depoimento do Sr. Antônio Gomes apresenta a participação de atores sociais e institucionais que, juntos, podem lutar pela melhoria das condições de vida da população. O estabelecimento de parcerias entre os diferentes atores em busca de um bem comum para a sociedade é uma das perspectivas assinaladas pelos estudos em desenvolvimento local para a implantação do processo de “concertação” comunitária.

Mais uma vez, observamos que as informações do Programa são compatíveis com a perspectiva teórica adotada nesta pesquisa, quando se refere à implantação do desenvolvimento local sustentável. Sobre a parceria entre as diferentes entidades buscando o desenvolvimento local, um documento do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PENU) diz:

²³ Texto em off do programa: *Francisco, um rio ameaçado*.

“Neste sentido, o exercício da parceria constitui uma ferramenta de modernização de políticas públicas (...) Estimula-se a parceria entre órgãos de governo e entre estes e organizações da sociedade e do mercado. O estímulo à parceria se dá mediante a concertação estratégica em torno do desenvolvimento local, a convergência de objetivos comuns, a clareza da missão das organizações a ajuda mútua e a partilha de resultados.”²⁴

Podemos inferir, diante do título *Francisco, um rio ameaçado*, que o Programa Documento Nordeste deixa transparecer, em sua narrativa, aspectos ligados ao modelo de desenvolvimento adotado nesta pesquisa.

A questão da diversificação econômica, apresentada através da sugestão do incremento das atividades turísticas, a preocupação com os problemas ambientais, além da participação dos atores sociais e institucionais vão ao encontro da perspectiva teórica que pontua a Comunicação Rural como um dos elementos propulsores do desenvolvimento local. Dessa maneira, acreditamos que o Programa está colaborando na formação do imaginário da população, o que poderá interferir nas atitudes de seu dia-a-dia, no sentido que, estando mais informados sobre as transformações que se processam, possam agir de forma coerente com os objetivos de desenvolvimento sustentável. Como vimos, os estudos indicam o quanto os meios de comunicação participam da formação do imaginário social. Sobre este aspecto, Baczkko diz:

“A invenção de novas técnicas, bem como o seu refinamento e diferenciação, implicavam a passagem de um simples manejo dos imaginários sociais à sua manipulação cada vez mais sofisticada e especializada.”²⁵

5. O turismo que gera trabalho e modifica a vida das comunidades populares da Serra da Capivara no Piauí

No que se refere ao título *Os segredos da Serra*, ele retrata o Parque Nacional da Serra da Capivara, localizado no estado do Piauí. O roteiro conta a trajetória do Parque, sua importância para a pesquisa arqueológica e as transformações que estão acontecendo na região desde a sua criação. A narrativa enfatiza a participação da população na preservação do Parque, que atua, inclusive, ajudando a “encontrar” novos sítios arqueológicos.

Durante o Programa, a administração do Parque mostra, através dos depoimentos apresentados, uma preocupação com a preservação ecológica, que se torna difícil porque o Parque se localiza numa região muito carente. Níede Guidon, diretora do Parque, fala que a proposta é minimizar a pobreza da região estimulando a educação e a formação de agentes turísticos que possam trabalhar ali:

²⁴ ZAPATA, Tânia (Coord.). Gestão participativa para o desenvolvimento local. Recife: (s.n.), 2000. (relatório do PENUD) p. 42

²⁵ BACZKO, op. cit., p. 300

“Nós criamos a Fundação Museu do Homem Americano cuja a única finalidade é a pesquisa e a proteção do Parque Nacional e essa proteção nós definimos que não era proteger o patrimônio natural em uma região de extrema pobreza. Nós então definimos que para que a gente consiga um Parque Nacional realmente protegido, sem apelar para a força, porque nós queríamos passar por essa repressão brutal, teríamos que ter um programa de educação e de desenvolvimento econômico e social.”²⁶

Para colaborar com o desenvolvimento econômico e social, apresentado no depoimento acima, a Fundação organiza cursos de turismo e hotelaria, além de proporcionar uma integração da população com o Parque.

“ Nós procuramos então através da educação básica de qualidade, através de uma educação profissionalizante, formar a população local para que ela possa se enquadrar num novo mercado de trabalho que é o turismo ecológico, cultural e científico que nós estamos desenvolvendo na região”.²⁷

Em pesquisa paralela, na Internet, encontramos diversos endereços sobre o Parque, que é indicado para a visita, explorando tanto a questão do turismo ecológico como a questão da pesquisa científica. Na “*home page*” oficial do Parque Nacional da Serra da Capivara também é destacada a preocupação em incentivar a população local a participar da preservação do Parque e das transformações sociais e econômicas que estão sendo estabelecidas. Assim aborda um dos textos:

“Em torno do Parque foram construídos Núcleos de apoio à Comunidade, como escola, posto de saúde e residências para professores e técnicos. Três refeições diárias, assistência médica, ensino de alto nível com conteúdos de educação ambiental e línguas formarão as crianças para que se integrem, mais tarde, na indústria turística. Cursos profissionalizantes estão sendo ministrados criando-se uma série de atividades econômicas alternativas, aumentando-se a gama de possibilidades de trabalho. (...)”²⁸

Percebemos que, assim como o título analisado anteriormente, *Os segredos da Serra* possui uma proposta que demonstra a preocupação com o desenvolvimento da região, levando em conta, através de seu discurso, não apenas as formas tradicionais de produção econômica. Essa proposta está alinhada às interpretações acadêmicas atuais, que aponta a utilização de novas atividades para incrementar a produção de renda e melhorar a qualidade de vida das populações que moram nessas regiões. Além do mais, o programa mostra que, para um projeto como esse funcionar, é importante a participação das populações locais de forma efetiva, onde se respeitem os direitos e as potencialidades da região. Na narrativa do Programa, encontramos o texto em off:

²⁶ Depoimento de Níede Guidon – Diretora do Parque – incluído no Programa Documento Nordeste intitulado: “*Os Segredos da Serra*”

²⁷ Idem

²⁸ PESSIS, Anne Marie. Parque Nacional da Serra da Capivara: patrimônio cultural da humanidade. Disponível em: <<http://www.psg/~walter/parque.html>> acesso em: 10 jun. 2002

“ Os habitantes do entorno do Parque também se beneficiam de toda esta riqueza, através da exploração do ecoturismo. Atualmente o Parque recebe uma média de dez mil visitantes por ano, razão pela qual a cidade de São Raimundo Nonato é hoje conhecida internacionalmente e vem aos poucos se modernizando para receber um número cada vez maior de turistas.”²⁹

Através do Programa *Os segredos da Serra*, podem-se perceber as mudanças que o Parque proporcionou à vida dos habitantes. Rafael Ribeiro é um rapaz da cidade, que fez um curso profissionalizante e, hoje, faz parte da equipe de 35 guias turísticos do Parque, todos moradores da cidade de São Raimundo Nonato. Rafael disse ao Programa:

“ Primeiramente eu comecei a tomar informações sobre o grupo da Fundação do Museu do Homem Americano. Os arqueólogos, eles fizeram um curso para guia turístico porque estava aumentando o fluxo de turismo aqui na região e por isso precisava urgentemente de capacitar jovens aqui da cidade de São Raimundo Nonato para essa determinada área de condutores de visitantes ao Parque Nacional da Capivara.”³⁰

Podemos afirmar que essa iniciativa está praticando a Comunicação Rural na sua versão contemporânea ao desenvolvimento local, pois, segundo o Programa Documento Nordeste, a sociedade se envolveu no projeto do Parque, conseguindo a interação entre os diferentes atores sociais que formam a população local, buscando o desenvolvimento da região. Para Santos:

“ A característica fundamental da Comunicação Rural é se constituir em processo comunicativo na perspectiva de constituir mudanças. (...) a nova abordagem para a Comunicação Rural (...) contempla uma perspectiva de mudança materializada nas propostas de desenvolvimento local.”³¹

6. Consideração finais

Ao concluir a análise dos títulos *Francisco, um rio ameaçado* e *Os segredos da Serra*, podemos inferir que eles apontam uma preocupação por parte da equipe, que faz o Programa Documento Nordeste de sair das formas tradicionais de se apresentar essa região. Apesar de existir agricultura irrigada próxima ao Rio São Francisco, encontramos também diversas outras formas de geração de emprego e renda. O mesmo podemos observar no programa *Os segredos da Serra*, que afirma objetivamente a preocupação com

²⁹ Texto em off que faz parte da narração do Programa Documento Nordeste intitulado “ *Os segredos da Serra*”

³⁰ Depoimento de Rafael Ribeiro, guia turístico do Parque Nacional da Capivara, inserido no Programa Documento Nordeste intitulado “ *Os Segredos da Serra*”.

³¹ TAUK SANTOS, Maria Salett. Comunicação rural - velho objeto, nova abordagem: mediação, reconversão cultural, desenvolvimento local. In: LOPES, Maria Imacolata Vassalo de; FRAU-MEIGS, Divina; TAUK SANTOS, Maria Salett (Org.). Comunicação e informação: identidades e fronteiras. São Paulo: INTERCOM; Recife: Bagaço, 2000. p. 291



a participação da população nas transformações desencadeadas com a abertura do Parque Nacional da Capivara.

Quando o Programa Documento Nordeste apresenta para o país essas transformações, podemos também inferir que ele está atuando como um agente da Comunicação Rural, pois as informações contribuem para a formação do imaginário social dos telespectadores e interferem de alguma maneira na construção de conceitos sobre o que é o rural para eles. Acreditamos que, tomando conhecimento das mudanças que estão acontecendo, a população poderá participar, mais lucidamente, do processo, colaborando na gestão de um desenvolvimento local.

BIBLIOGRAFIA

- BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985. v. 5, p. 296-332.
- BORDENAVE, Juan Diaz. Comunicação e desenvolvimento social: o novo paradigma . In: NEIVA, Eduardo; RECTOR, Mônica (Org.). Comunicação na era da pós-moderna. Rio de Janeiro: Vozes, 1988. p. 229-237.
- BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão: seguido de a influência do jornalismo e os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. 143 p.
- CALLOU, Angelo Brás Fernandes. Comunicação rural e era tecnológica: tema de abertura. Fractais, Recife, n. 3, p. 9-20, 2000
- _____. (Org.). Comunicação rural e o novo espaço agrário. São Paulo: INTERCOM, 1999. 205 p. (Coleção Gt's, 8).
- CAMPANHOLA, Clayton , GRAZIANO DA SILVA, José. Diretrizes de políticas públicas para o novo rural brasileiro: incorporando a noção de desenvolvimento local. In: _____. O novo rural brasileiro: políticas públicas. Jaguariúna: EMBRAPA, 2000. cap. 3, p. 61-91, v. 4.
- CANCLINI, Néstor García. As culturas populares no capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1983. 57 p.
- _____. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 3. ed. São Paulo: USP, 2000. (Ensaio Latino-Americanos, 1).
- CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. [artigo científico]. Disponível em: <<http://www.unicamp.gov.br/projetorurbano>>. Acesso em: 5 maio 1999.
- CARVALHO, José Murilo de. A formação das almas: o imaginário da república no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 107 p.
- FRANCO, Augusto de. Porque precisamos de desenvolvimento local integrado e sustentável. 2.ed. Brasília, DF: Instituto de Política, 2000. 113 p.
- FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 93 p.
- FROELICH, José Marcos; RODRIGUES, Ivone da Silva. O turismo rural e as transformações no espaço agrário. In: CALLOU, Angelo Brás Fernandes (Org.). Comunicação Rural e o novo espaço agrário. São Paulo: INTERCOM, p. 13-23.
- FROTA, Luciana Silveira de Aragão. Comunicação e “cultura industrial”. In: DOWBOR, Ladislau et al. Desafios da comunicação. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 142-154.
- GRAZIANO DA SILVA, José. Entrevista. Revista Agricultura Sustentável, São Paulo, n. 1, 1994.
- _____. _____. Revista Ops, Salvador, v. 2, n. 7, 1997.
- _____. O novo mundo rural. Nova Economia, Belo Horizonte, v. 7. n. 1, p. 43-81, maio. 1997
- _____. Por um novo programa agrário. Reforma Agrária, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 5-16, maio/ago. 1993.
- MACIEL, Maria Eunice. Procurando o imaginário social: apontamentos para uma discussão. In: FÉLIX, Loiva Otero; ELMIR, Cláudio P. (Org.). Mitos e heróis: construção de imaginários. Porto Alegre: Editôra da Universidade, 1998. p. 75-87.
- MELO, Cristina T. V. de; GOMES, Isaltina Maria de A. M.; MORAES, Wilma P. de. O documentário como gênero jornalístico televisivo. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/indexbp.html>>. Acesso em: 2 jan. 2002.

- MONTEIRO, Paula. Cultura e comunicação: a tradução cultural e a reinvenção da etnicidade. In: DOWBOR, Ladislau et al. Desafios da comunicação. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 146-154.
- MUSEU DE ARQUEOLOGIA (Alagoas). Os sítios arqueológicos. Disponível em: <http://www.museuxingo.com.br/pesquisa/area_sítios_arqueológicos.html>. Acesso em: 10 jun. 2002.
- NASCIMENTO, Marta Rocha do. O globo rural e cotidiano em Sapucaia: estudo de recepção do programa Globo Rural pelos pequenos produtores rurais de Sapucaia. 1999. 277 f. Dissertação (Mestrado em Administração Rural e Comunicação Rural) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 1999.
- NEVES, Marinita Vasconcelos. A terra e a tela: a comunicação rural e a questão da terra na produção dos programas de televisão do Partido dos Trabalhadores veiculados nas eleições presidenciais de 1998. 2000. 97 f. Dissertação (Mestrado em Administração Rural e Comunicação Rural) – Departamento de Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2000.
- NOVAES, Adauto (Org.). O olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 361-365.
- ORTIZ, Renato. Gramsci: problemas de cultura popular. In: _____. A consciência fragmentada: ensaios de cultura popular e religião. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. cap. 3, p. 45-89.
- _____. Românticos e folcloristas. São Paulo: Olho D’água, [s. d.]. 102 p. (Cultura popular).
- PADILHA, Romeu. A extensão rural no Brasil. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE EXTENSÃO RURAL, 1., 1981, Santa Maria. Trabalho apresentados... Santa Maria: [s.n.], 1981. p. 1-27.
- PESSIS, Anne Marie. Parque Nacional da Serra da Capivara: patrimônio cultural da humanidade. Disponível em: < <http://www.psg/~walter/parque.html>>. Acesso em: 10 jun. 2002.
- TAUK SANTOS, Maria Salett. Comunicação rural - velho objeto, nova abordagem: mediação, reconversão cultural, desenvolvimento local. In: LOPES, Maria Imacolata Vassallo de; FRAU-MEIGS, Divina; TAUKE SANTOS, Maria Salett (Org.). Comunicação e informação: identidades e fronteiras. São Paulo: INTERCOM; Recife: Bagaço, 2000. p. 291-301.
- _____. Igreja e pequeno produtor rural: a comunicação participativa no programa CECAPAS/SERTA. 1994. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- _____. O consumo de bens culturais nas culturas populares: identidade reconvertida ou diversidade refuncionalizada? Local?: Editor ?, Data ? .
- TAUK SANTOS, Maria Salett; CALLOU, Angelo Brás Fernandes. Desafios da comunicação rural em tempos de desenvolvimento local. Signo, João Pessoa, ano 2, n. 3, p. 12-47, 1995.
- TAUK SANTOS, Maria Salett; SPENILLO, Giusepa. Uma nova política para o ensino da Comunicação Rural: o caso UFRPE. In: TAUKE SANTOS, Maria Salett. Políticas de Comunicação Rural nos anos 90. Recife: UFRPE, 1997. p. 111-127. (Pesquisa acadêmica, 4).
- TEIXEIRA, Elder Lins (Coord.). Estudo sobre o turismo agrorural e histórico cultural em Alagoas, Pernambuco e Paraíba: relatório final. Recife: ADM&TEC, 1996. p. 55-80.
- VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTE, Anne. Ensaio sobre análise fílmica. Campinas: Papyrus, 1994. 152 p. (Ofício de arte e forma).



ZAPATA, Tânia (Coord.). Gestão participativa para o desenvolvimento local. Recife: [s.n.]; 2000. (Relatório).